

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**CAÍQUE WASHINGTON ALVES DE OLIVEIRA**

**DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIA ÀS TRATATIVAS DO ESQUECIMENTO:  
REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 50  
ANOS DO CURSO DE MEDICINA DA UFU (2017).**

**UBERLÂNDIA  
2019**

**CAÍQUE WASHINGTON ALVES DE OLIVEIRA**

**DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIA ÀS TRATATIVAS DO ESQUECIMENTO:  
REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 50  
ANOS DO CURSO DE MEDICINA DA UFU (2017).**

Monografia apresentada no curso de Graduação em História - Bacharelado e Licenciatura do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Graduado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Gilberto César de Noronha.

**UBERLÂNDIA**

**2019**

**CAÍQUE WASHINGTON ALVES DE OLIVEIRA**

**DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIA ÀS TRATATIVAS DO ESQUECIMENTO:  
REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 50  
ANOS DO CURSO DE MEDICINA DA UFU (2017).**

Monografia apresentada no curso de Graduação em História - Bacharelado e Licenciatura do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Graduado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Gilberto César de Noronha.

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha. (Orientador UFU)

---

Ms. Angélica Cristina Gomes Silva (Examinadora – UFU)

---

Ms. Rafael Augusto Fachini (Examinador – UFU)

## AGRADECIMENTOS

O término de uma graduação, de um ciclo, mais que um momento de imensa satisfação, é também o momento de fazer um balanço, louvar, abraçar e agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus pelas bênçãos que ele me concede a cada dia.

Agradeço a minha mãe, Ana Celi, meus tios Luciano e Edma, meus primos e afilhados, Fábio, Bruna, Arthur, Dayane e a toda a minha família pelo apoio incondicional que todos vocês me dão todos os dias, muito obrigado pelo carinho e amor de sempre.

Agradeço aos meus amigos Rafael, Lucas, Marco Aurélio, Gabriela e Gustavo por sempre estarem ao meu lado nas horas que eu mais precisei, muito obrigado pela amizade e carinho de vocês.

Agradeço ao meu padrinho, Padre José Amilton, que sempre rezou por mim e sempre me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos e sempre confiar em Deus e mesmo estando longe, sempre agradeço a Deus por Ele ter colocado o senhor na minha vida.

Agradeço a todos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Dr. Ben-Hur Braga Taliberti, Dr. Orlando César Mantese, Dr. Newton Marques, Dr. Antonio Geraldo Diniz Roquete, Dra. Valéria Bonetti, Marilúcia Vieira Garcia, Rosângela Ribeiro Martins, Sílvia Regina de Lima, Lorena Fernandes Matos, Ana Maria de Freitas Melo, Otávia Cristina Vaz Lima, Juliana Messias Dornelas, Dayana Pereira Resende, Gabriel de Brito Silva, Túlio Franco de Paula, Amanda F. Nascimento e Adel Jorge El Rassi, Dr. Valder Steffen Jr., Dr. Aguinaldo Coelho da Silva, Dr. Augusto Diogo Filho, Dr. José Alfredo Borges da Cunha, Dr. Melicégenes Ribeiro Ambrósio e Lêda Márcia Viana Santos Borges, pela oportunidade de estagiar com vocês. Foram dois anos de correrias, choros, alegrias, tristezas, mas todos os sentimentos culminaram na felicidade de ver todo o trabalho que eu realizei sendo reconhecido nas Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina, no qual

eu também fui homenageado pelo trabalho que eu realizei. Muito obrigado pelo amor, carinho e confiança.

Agradeço eternamente pelo apoio durante a minha pesquisa, ao João Luiz Neto, mais conhecido como “João do Protocolo”, que infelizmente nos deixou em 2018 e foi alegrar a todos no céu. A ele minha eterna gratidão por tudo, pela ajuda, pela amizade, por me fazer rir quando estava triste, por estar conosco em todas as etapas da pesquisa, elaboração do livro e nas comemorações.

Agradeço pelo apoio do diretor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia, Prof. Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho, que esteve presente nas comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU e me convidou para a Comissão Organizadora dos 50 Anos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia que aconteceu em agosto de 2019, muito obrigado pelo apoio, carinho e confiança.

Agradeço aos meus ex-professores do IFTM – Campus Uberlândia pelo apoio que tive e ainda tenho. Vocês são a minha inspiração como pessoas e como professores: Dr. Paulo Irineu Barreto Fernandes, Dra. Jeane Silva, Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho, Dra. Joana El Jaick Andrade, Dr. Marcos Antônio Lopes, Dr. Mauro das Graças Mendonça, Dra. Angela Pereira e Dra. Marília Cândida de Oliveira.

Agradeço aos Técnicos-Administrativos do CDHIS-UFU, Velloso Carlos de Sousa e Aline Guerra, porque graças às orientações, dicas e materiais recebidos eu pude dar continuidade ao projeto.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Gilberto César de Noronha, que me auxiliou no projeto do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina e posteriormente na minha monografia.

Agradeço aos professores do Instituto de História, em especial, Dr. André Fabiano Voigt, Dr. Marcelo Lapuente Mahl, Dr. Sérgio Paulo Moraes, Dr.<sup>a</sup> Ivete Batista da Silva Almeida, Dr.<sup>a</sup> Marta Emília Jacinto Barbosa, Dr.<sup>a</sup> Regina

Ilka Vieira Vasconcelos, por todos os aprendizados conquistados, sem vocês eu não conseguiria chegar até aqui. Muito obrigado pelo apoio. Quando eu mais precisei vocês estavam do meu lado. E meu muito obrigado também à Cristina Martins Cunha da Silva, secretária da coordenação do Curso de Graduação em História do INHIS-UFU, pelo apoio de sempre.

E a todos aqueles que acreditavam que eu não chegaria até o fim, só direi uma palavra apenas: Cheguei!

O esquecimento é o chão onde a memória não possui mais raízes.

**(Gustavo Santos)**

## RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre a experiência de constituição de um centro de documentação e memória para as comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU, na condição de historiador com seus dilemas entre a obsessão comemorativa e a gestão do esquecimento, tendo como base uma pesquisa bibliográfica sobre História Oral, Memória, Lugares de Memória e Lembranças.

**Palavras-chave:** Comemoração; Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU; Historiador; Esquecimento.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. RE-ATIVAÇÃO DA MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: A BUSCA POR FONTES ...</b>	<b>13</b>
<b>2. LIVRO COMEMORATIVO – ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA DE UBERLÂNDIA – REGISTROS HISTÓRICOS – 1967-2017 – 50 ANOS .....</b>	<b>29</b>
<b>3. O HISTORIADOR E OS LUGARES DE MEMÓRIA .....</b>	<b>43</b>
<b>4. ESQUECIMENTO .....</b>	<b>49</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

Conhecer o passado por completo é uma missão impossível. Comemorar datas é a motivação mais comum para que instituições e pessoas saiam da inércia e em busca da própria história e é muito comum que esta iniciativa parta de funcionários antigos, como é o caso que irei discutir neste trabalho: as *Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia*.

O tema da minha monografia é o exercício da memória e a função social do lembrar, tendo como ato de memória específico, as comemorações dos 50 anos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

Fui contratado pela FAMED (Faculdade de Medicina – UFU) como estagiário através do Edital UFU / FAMED / 013/2015 de 16/03/15, para resgatar a história do curso, por meio de documentos, relatos, fotos, jornais etc.

No início da minha pesquisa, deparei-me com a falta de documentação (havia apenas três ou quatro jornais, duas cópias de atas e algumas fotos) e para ajudar a encontrar mais arquivos, documentos, pessoas etc, foram realizados encontros com ex-alunos, ex-funcionários etc, encontros estes que eram chamados de "Encontro Café e Memória". Por meio destes encontros que eram gravados, os entrevistados davam pistas para encontrar algum documento, foto etc.

Além da falta de documentação, me deparei também com a dificuldade de acesso aos documentos que havia dentro da universidade, porque nem sempre as pessoas envolvidas na guarda de documentos, os guardavam da maneira correta e muitas vezes, determinados papéis que estavam guardados a muito tempo, eram considerados apenas com um monte de papéis velhos e que não serviriam pra mais nada, não tinham um padrão para guardar os documentos.

De acordo com o Projeto de Lei 4699/2012, que regulamenta a profissão de historiador, dentre as atribuições dos historiadores que foram citados neste

projeto de lei, pode desenvolver, como estagiário-pesquisador da Faculdade de Medicina UFU: organização de informações para publicações, exposições e eventos sobre temas de História (Art. 4º, § III); assessoramento, organização e implantação de serviços de documentação e informação histórica (Art. 4º, § IV); assessoramento voltado à avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação (Art. 4º, § V).

Em abril de 2017, ocorreu a comemoração dos 50 anos do Curso de Medicina da UFU, onde ex-alunos, ex-técnicos e ex-professores se juntaram aos alunos, técnicos, professores e colaboradores atuais para lembrar juntos a história deste curso.

Durante as comemorações, houve a inauguração do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina, onde os documentos e fotos ficaram expostos e ficariam à disposição para visitas e pesquisas. Atualmente o acervo do Curso de Medicina da FAMED-UFU, conta com mais de 100 documentos de variados tipos, 2.000 fotos e 30 objetos, resultantes do processo de pesquisa que pretendo analisar criticamente neste trabalho.

Todas as informações provenientes dos documentos resgatados e dos encontros 'Café e Memória', foram reunidos em um livro intitulado "Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia - Registros Históricos"<sup>1</sup>. O título do livro faz referência ao primeiro nome que a atual Faculdade de Medicina teve.

Pretendo abordar neste trabalho sobre o esforço de busca de vestígios do passado do curso de medicina da UFU, o élan da memória com a comemoração dos cinquenta anos e o lugar do historiador nesta história de reconstrução (comemoração e re-memoração) da memória do curso de medicina e qual o lugar do historiador nos esforços de rememoração.

Para tal façanha de pesquisa, quase que homérica, fiz leitura e análise crítica de autores que pesquisam sobre a memória e o seu uso social (Joel

---

<sup>1</sup> TALIBERTTI, Ben Hur Braga. *Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia - EMECIU - Registros Históricos - 1967-2017 - 50 Anos*. Araguari - MG: Minas, 2017. 432 p.

Candau, Carlo Ginzburg, Erick Hobsbawn, Stanley Hoffman, Jacques Le Goff, Claude Lévi-Strauss, dentre outros).

Os resultados encontrados são apresentados em 4 capítulos.

O *Capítulo 01: Re-Ativação da Memória e História Oral: A Busca por Fontes*, trata sobre o início do projeto, qual foi a motivação para buscar fontes sobre a história do curso de medicina da UFU, e também sobre a busca que eu fiz pelas fontes e sobre a “re-ativação” da memória por meio da história oral.

No *Capítulo 02: Livro comemorativo – Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – Registros Históricos – 1967-2017 – 50 anos*, apresento a estrutura do livro<sup>2</sup> e algumas imagens que o ilustraram.

No *Capítulo 03: O Historiador e os Lugares de Memória*, discorro sobre o ofício do historiador e sobre o Projeto de Lei Nº 4.699/2012 (Projeto de Lei que Regulamenta a Profissão de Historiador e dá Outras Providências) que mesmo depois de tanta discussão sobre a importância da regulamentação da profissão do Historiador, o projeto foi arquivado sem parecer final. Abordo também sobre a minha prática como historiador no projeto de busca pela memória do curso de medicina e falo também sobre os lugares de memória, que são “lugares” que as pessoas confiam suas memórias para que não se percam com o passar do tempo, aqui representado pelo Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

No *Capítulo 04: Esquecimento*, discorro sobre o conceito de esquecimento, faço uma crítica sobre o trabalho de resgate da memória do curso de medicina que foi feito, mas que as pessoas não valorizaram e tudo aquilo que foi feito voltou para o lugar de onde havia saído: o esquecimento.

---

<sup>2</sup> TALIBERTTI, Ben Hur Braga. *Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia - EMECIU - Registros Históricos - 1967-2017 - 50 Anos*. Araguari - MG: Minas, 2017. 432 p.

## 1. RE-ATIVAÇÃO DA MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: A BUSCA POR FONTES

É impossível conhecer o passado por completo. Nas palavras de Kubler, retomadas por Lowenthal (1981), é algo tão extraordinário quanto “alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidio e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações”<sup>3</sup>.

Nos processos de evocação do passado, o historiador enfrenta um importante desafio, a tentativa de recompor o passado: “O passado apresenta-se como um vidro estilhaçado, antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado”<sup>4</sup>.

Ao se referir às motivações e objetivos que envolvem os trabalhos da memória pelas instituições, numa perspectiva tradicional, Goulart (2002) observou que “comemorar datas é a motivação mais comum das organizações que saem da inércia e se dispõem a investir em conhecer a própria trajetória”<sup>5</sup>.

A obsessão comemorativa vem tomando a contemporaneidade no sentido de ganhar algo em troca dessa comemoração. A autora observa ainda que

“É certo também que as organizações vislumbram, por meio da memória, a oportunidade de fazer brilhar sua imagem, já que hoje é ‘politicamente correto’ que as entidades públicas ou privadas, exibam seu passado, muitas vezes reformulado, esperando daí recolher dividendos com isso”<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> KUBLER apud LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História (17)**, São Paulo: EDUC, 1981, p.73.

<sup>4</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Dossiê**, Pelotas, RS, p.01-24, 24 maio 2011, p. 13-14.

<sup>5</sup> GOULART, Silvana. Patrimônio Documental e História Institucional. **Associação de Arquivistas de São Paulo**, São Paulo, SP, p.14, 2002.

<sup>6</sup> Idem. p. 14.

É muito comum que a iniciativa para a consecução do trabalho, parta de funcionários antigos, onde esta motivação acontece em momentos de sucessão de cargos. Essa situação pode provocar uma enorme má vontade da nova geração, que tende a identificar o cuidado com a memória como persistência da "velha ordem". O escopo inicial de um trabalho de organização de acervo está geralmente vinculado a datas marcantes, aos fundadores e aos documentos iniciais<sup>7</sup>.

Este foi o caso Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia que, em 2017, decidiu comemorar seus 50 anos de existência.

Em 2015, o Dr. Ben-Hur Braga Taliberti, que era diretor da Faculdade de Medicina da UFU, juntamente com outros professores mais antigos do curso, durante conversas administrativas na FAMED, fez um projeto<sup>8</sup>, cujo objetivo era “resgatar” a memória deste curso que nas últimas cinco décadas esteve intimamente ligada à História da Universidade Federal de Uberlândia, mas não somente à universidade, como também às Histórias Individuais e Coletivas de várias pessoas.

Partindo da ideia de buscar compreender e reunir os fragmentos da memória da História do curso de medicina, a FAMED (Faculdade de Medicina – UFU) lançou um edital no ano de 2015, contratando um estagiário (graduando) do curso de História, para auxiliar na busca pela memória, na busca por documentos, auxiliar nas comemorações e nos produtos resultantes destas comemorações. Participei da prova de seleção<sup>9</sup> e fui aprovado. Então passei a ser estagiário (ou Acadêmico Colaborador do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como era chamado e reconhecido) na FAMED-UFU na busca pela memória institucional do curso de Medicina.

---

<sup>7</sup> Idem. p. 17.

<sup>8</sup> Não existia um projeto “oficial” com portaria ou algum outro documento oficial registrado. Inicialmente, eram somente discussões sobre a comemoração dos 50 anos do Curso de Medicina (como iriam comemorar, local da comemoração, o que iriam fazer etc). Estas discussões eram chamadas de “Projeto Memória” por eles (Dr. Ben-Hur Braga Taliberti, que era diretor da Faculdade de Medicina da UFU, juntamente com outros professores mais antigos do curso – não tenho os nomes destes outros professores).

<sup>9</sup> Esta prova é de praxe para contratação de bolsistas. É uma prova de conhecimentos de Língua Portuguesa e Redação.

Tratava-se de uma iniciativa institucional de comemoração. Comemorar significa celebrar; fazer cerimônia festiva para enaltecer um fato, acontecimento, uma pessoa; festejar; memorar junto; voltar a lembrar; ter recordação de algo.

Goulart (2002) afirma que por trás das comemorações sempre há algum interesse e neste caso específico de minha análise, havia o encerramento da gestão do então diretor da FAMED, que reconheceu no mote tradicional da celebração da data institucional, uma possibilidade de deixar uma marca da gestão.

Dr. Ben-Hur Braga Taliberti foi diretor da FAMED-UFU (Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia) de 2009 a 2017, e ele queria “fechar com chave de ouro” a sua gestão como diretor, com as comemorações do Jubileu de Ouro do Curso de Medicina.

Para o início dos trabalhos de comemoração, foi instituída uma comissão de organização<sup>10</sup>. Essa comissão foi montada para me auxiliar na busca por documentos e relatos que pudessem reconstituir a história do curso de medicina desde a sua criação até a data da comemoração dos 50 anos do curso, visto que, até então, ainda não conhecia a história do curso, seus integrantes e o ambiente da faculdade e do hospital.

Apesar da universidade e do Hospital de Clínicas da UFU serem órgãos públicos, havia vários setores que não foram acessados por não serem de exclusividade aos funcionários da FAMED-UFU ou do HC-UFU. E, então só foi possível ter acesso aos documentos e contato direto com as pessoas que participaram ativamente na história do curso de medicina por meio desta comissão que foi montada.

---

<sup>10</sup> Não havia um documento oficial referente à comissão. Dr. Ben Hur chamou os coordenadores de cada departamento do curso de Medicina da FAMED-UFU, os ex-diretores da Faculdade de Medicina – UFU e os técnicos administrativos da Faculdade de Medicina UFU. Ele explicou para todos que ele gostaria de fazer as comemorações dos 50 anos do curso de Medicina e que precisava da ajuda de todos para a concretização da ideia. Alguns aceitaram e outros não, por motivos particulares. Depois de várias reuniões, ficou decidido que haveria uma comissão para confecção do livro comemorativo e uma comissão para a “festa” (organização das atividades que aconteceriam durante a comemoração dos 50 anos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia).

No início da pesquisa, ao buscar conhecer mais sobre a história do curso e saber o que a FAMED tinha de documentos, jornais, revistas, fotos, entre outros, sobre o curso de medicina, foi encontrado o primeiro problema, aliás, o primeiro de muitos que iriam surgir ao longo da pesquisa: para nossa surpresa, a FAMED tinha poucos registros sobre a sua própria história. Eles tinham apenas uma revista comemorativa, publicada em comemoração aos 40 anos do curso de medicina<sup>11</sup>, algumas fotos do início das obras para a construção da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (EMECIU era o antigo nome da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia) e alguns documentos (autorização de funcionamento da EMECIU assinado pelo presidente Artur da Costa e Silva, reconhecimento da EMECIU assinado pelo mesmo presidente dentre outros) que até então nem eles mesmos sabiam do que se tratava. Segundo membros da FAMED (secretárias da diretoria da FAMED-UFU), esses papéis só não foram jogados fora, porque estavam numa caixa escrita “documentos importantes” e havia um papel colado na caixa dizendo que não poderiam ser jogados fora. Esse aviso para não jogar os documentos no lixo tinha sido colocado na caixa pela antiga secretária da FAMED-UFU, hoje aposentada, Ana Maria de Freitas Melo, que parecia ser uma das poucas que reconheciam a relevância histórica daqueles registros e que tinha a consciência da constituição de um arquivo.

Então, em decorrência da pesquisa, a caixa foi aberta e verificamos que se tratava de documentos que remetiam ao início do curso de medicina: eram documentos que informavam nomes dos professores, disciplinas ministradas pelos professores e outras informações referentes aos alunos e à administração do curso.

Não foi difícil verificar que, se não fossem iniciativas individuais, não sistematizadas, de alguns professores, ex-alunos e funcionários que guardaram documentos e conservavam em sua lembrança pessoal retalhos da

---

<sup>11</sup> Revista comemorativa dos 40 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (FAMED/UFU) – Novembro/2008. Comissão responsável pela elaboração da revista: Dr. Nestor Barbosa de Andrade, Dr. Aguinaldo Coelho da Silva, Dr. Elimiro Santos Resende, Dr. José Olympio de Freitas Azevedo e Luiz Félix Marques.



memória institucional, alguns aspectos e dimensões essenciais da história do Curso de Medicina da UFU estariam perdidos para sempre.

Como bem observou, Matos e Senna, uma possibilidade de sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para múltiplos estudos, são os registros da oralidade. A história oral pode ser entendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc <sup>12</sup>.

A história oral não é estática, não é apática, não é inexpressiva e não pode ser descontinuada, pois ela está em constante movimento, tem iniciativa (mas não própria, pois depende das pessoas), tem expressão e vida e não pode ser interrompida, vista que a história oral é produzida por pessoas e as pessoas estão em constante movimento, independentemente da escolha e/ou atitude, já demonstra uma iniciativa, demonstra que tem expressão e vida, percepções estas que jamais teríamos se tivéssemos somente os documentos.

“A fonte oral pode acrescentar vida aos documentos, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Podemos entender a memória como a presença do passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. A memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado” <sup>13</sup>.

Na Historiografia temos várias divergências a respeito do uso e da definição de História Oral, onde historiadores e demais pesquisadores se dividem. Para alguns, a história oral é apenas uma entrevista que complementa os documentos e pesquisa apenas os personagens principais, para outros, ela é importante, pois revela sentimentos e ações que dão dinamicidade à história.

---

<sup>12</sup> ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. P. 52.

<sup>13</sup> MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. *História Oral como Fonte: Problemas e Métodos*. *Historiae*, Rio Grande, Rs, p.98, 2011.

Citarei abaixo, “visões” de alguns autores, referente à história oral e a sua utilização e importância.

Na visão de Philippe Joutard (1998), por exemplo, a história oral é uma prática que possui apenas o intuito de usar a entrevista como complemento de outros documentos e que pesquisa apenas os personagens principais<sup>14</sup>. Na minha pesquisa para as comemorações dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU, fiz o contrário do que afirma o autor, eu utilizei a história oral para saber justamente as histórias daqueles que não eram os personagens principais, de acordo com as possibilidades de pesquisa. Buscamos informações sobre todos que ajudaram na criação do curso e não somente naqueles fundadores principais e assim o fizemos com os alunos, professores e demais funcionários.

Segundo Sena e Mattos (2011), retomado por Alessandro Portelli (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época<sup>15</sup>.

Thompson, por sua vez, afirma que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 108.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 93. (Sena e Mattos, 2011).

<sup>16</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. P. 32.

Maria Teresa Nabão<sup>17</sup> afirma que a memória é o objeto principal no trabalho com as fontes orais, pois o estudo é recuperado por intermédio da memória das testemunhas.

Durante a realização da pesquisa, as fontes orais relacionadas aos 50 anos do curso de Medicina da UFU, revelaram crenças, mentalidades e pensamentos sobre as experiências vividas pelos médicos, revelações estas que só foram possíveis pela evocação da memória, através dos depoimentos orais<sup>18</sup>.

De acordo com Pierre Nora (1993), a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] <sup>19</sup>

Verena Alberti<sup>20</sup>, afirma que a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Ferreira e Amado (2006), afirma que a História Oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais

---

<sup>17</sup> NABÃO, M. T. Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica. *Pós-História*, Assis/SP, v. 8, p. 122.

<sup>18</sup> Estas entrevistas não tinham um “roteiro” formalizado. Cada um contava o que sabia referente à história dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU e eu gravava este “encontro”, que foi chamado de “Encontro Café e Memória”, em pendrives ou DVD’s, para serem assistidos depois, na busca por informações que ajudassem a resgatar documentos e encontrar outras pessoas que pudessem ajudar a reconstituir a história do curso.

<sup>19</sup> NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993, p. 18.

<sup>20</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155.

como diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática<sup>21</sup>.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente. As narrativas obtidas por meio da História Oral, usando a metodologia da entrevista, revelam sentimentos, relações de amizade ou de poder e emoções, que não seria possível obter nos documentos escritos. Além disso, por meio das entrevistas podemos encontrar as fontes documentais por meio dos relatos que nos indicam os prováveis caminhos.

No projeto de rememoração específico analisado neste trabalho (Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU), a metodologia utilizada foi a da entrevista coletiva. Separamos os 50 anos do curso em cinco grupos, que representariam as 5 décadas. Convidamos professores, ex-professores, médicos e funcionários de cada uma das décadas para realizarmos um “encontro” chamado de “Encontro Café e Memória”<sup>22</sup>, onde nos reunimos e cada um deu a sua contribuição da memória referente a alguma década específica, cada um contou sobre a sua participação no curso de medicina, como chegou no curso, falaram de pessoas que ajudaram no desenvolvimento e andamento do curso dentre outras informações. Estes encontros ocorreram de janeiro a agosto de 2016 na sala de reuniões da Faculdade de Medicina da UFU (FAMED-UFU) e participavam em média, de 10 a 15 pessoas em cada encontro.

Ecléa Bosi (2003) nos alerta para as “atenções que devemos ter com relação aos esquecimentos do depoente, eles podem ser objetos de análise para as compreensões dos fatos. Por fim, mas não menos relevante, os

---

<sup>21</sup> FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 16.

<sup>22</sup> Estas entrevistas não tinham um “roteiro” formalizado. Cada um contava o que sabia referente à história dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU e eu gravava este “encontro”, que foi chamado de “Encontro Café e Memória”, em pendrives, DVD’s, ou HD’s para serem assistidos depois, na busca por informações que ajudassem a resgatar documentos e encontrar outras pessoas que pudessem ajudar a reconstituir a história do curso.

pesquisadores precisam criar uma relação de amizade e confiança com o entrevistado demonstrando sempre as suas dúvidas e no final do depoimento o mesmo deve ser devolvido ao entrevistado”<sup>23</sup>.

“Afinal, perguntam-se muitos, por que decorar o que se pode registrar por escrito? Não se considera mais a memória como vestígio ou armazenamento, mas como uma massa plástica constantemente reformulada sob as diferentes perspectivas do presente. Um pouco de exagero, pois poderíamos pensar na coexistência de diversas formas de se conceber e usar a memória atualmente. Porém, a relevância do trabalho não deve ser diminuída. Outros embates são traçados: a memória recompõe cenas do passado, ou as reconstrói? Erige-se a partir tão-somente de um esforço deliberado, ou também de forma involuntária? Forma-se apenas com lembranças, ou também a partir de esquecimentos?”<sup>24</sup>.

Todos os “Encontros Café e Memória” foram filmados e gravados em pendrives, DVD’s e HD’s, em que, depois seriam transcritos e publicados no livro comemorativo dos 50 Anos do Curso de Medicina<sup>25</sup> que era pretendido fazer, com a intenção explícita de registrar e “eternizar” a memória resgatada, numa espécie de livro total, bem ao gosto da tradição de registro escrito da memória que remonta aos mesopotâmios e seu livro do mundo dividido<sup>26</sup>.

As entrevistas aconteceram na sala de reuniões da FAMED-UFU, onde sentaram-se à mesa os convidados e o então diretor, o Dr. Ben-Hur. Ouvimos atentamente aos depoimentos e na medida em que iam citando nomes e possíveis lugares onde encontraríamos algum documento ou arquivo sobre o curso de medicina, foram feitas anotações em um caderno, para posteriormente sair em busca dos mesmos, foram anotadas também, novidades ou conteúdos e informações obtidas em *off*, etc. O “roteiro de perguntas” era bem simples e comum a todos. Perguntamos como eles tiveram contato com o curso de medicina, o que aconteceu de mais importante naquela década específica com relação ao curso, se lembravam de nomes de pessoas

---

<sup>23</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorai, 2003.

<sup>24</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453p.

<sup>25</sup> Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – EMECIU – Registros Históricos – 1967-2017 – 50 anos. Coordenado por Ben Hur Braga Taliberti – Araguari: Minas Ed., 2017, 432 p.

<sup>26</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, p. 165.

que participaram ativamente no curso sendo professor, aluno ou funcionário, se tinham fotos, documentos e/ou artigos de jornais que remetiam ao curso de medicina.

Para deixar os entrevistados à vontade, escolhemos a sala de reuniões da FAMED que era um pouco afastada da parte administrativa da Faculdade de Medicina da UFU, ou seja, um lugar tranquilo e sem barulhos para não atrapalhar o andamento do encontro. Colocamos numa mesa todos os objetos, documentos, fotos e artigos de jornais que eu já havia recuperado em diversos setores da universidade e do hospital e com várias pessoas, para que fazendo uso desses elementos pudesse ajudar na memória dos entrevistados, pois a memória se apoia em lugares e objetos.

Bem como nos ensinou Portelli, no trabalho de campo é fundamental a utilização de instrumentos que nos permitam gravar as entrevistas, sejam eles gravadores convencionais, digitais, câmeras de vídeo, MP3, MP4 ou qualquer outro tipo de tecnologia que sejam capazes de registrar o que nosso colaborador está dizendo. É fundamental que o pesquisador tenha ética, respeito e dê a devida importância a cada colaborador. “Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados”<sup>27</sup>.

Quando terminavam as “entrevistas coletivas”, o documento era salvo no HD que foi destinado para *salvar a memória do curso de medicina*, no sentido de registrar, gravar as narrativas de memórias esquecidas e reconstruídas, resgatadas do esquecimento, e no dia posterior, era feita a transcrição, em que eram anotadas não somente as falas dos entrevistados, mas colocava entre parênteses a reação deles ao falar. Assim que terminavam a transcrições, uma cópia era enviada para cada um dos entrevistados, para que pudessem

---

<sup>27</sup> NO INTERIOR... Ditadura militar e ensino superior (FAFI / UNESP): memórias sobre a intervenção na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto. Orientador: Professor José Carlos Sebe Bom Meihy. 2009. 252 p. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo., [S. l.], 2009. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02122009-103316/publico/MARIA\\_A\\_BLAZ\\_VASQUES\\_AMORIM.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02122009-103316/publico/MARIA_A_BLAZ_VASQUES_AMORIM.pdf). Acesso em: 20 dez. 2019.

“aprovar” a transcrição para enviarmos para a comissão responsável pelo livro comemorativo que seria feito. Todos os entrevistados estavam cientes de que as entrevistas, frutos dos “Encontros Café e Memória” seriam publicadas num livro e todos sem exceção concordaram e autorizaram as publicações.

A todo o momento buscava-se transmitir confiança para todos os entrevistados, porque isto facilitaria a relação com todos os envolvidos na história do curso e facilitaria também o acesso a mais informações, tanto que muitos entrevistados, mesmo depois de ter encerrado as entrevistas, ligavam para passar mais informações que eles haviam se lembrado e isto só foi possível graças à relação de confiança e amizade que foi estabelecida com eles.

Entre o empreendimento institucional e a análise historiográfica do processo é preciso considerar que, “as narrativas orais são narrativas de memórias. Por isso, precisamos ser mais cautelosos ao lidar com as fontes orais, buscando entender o que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re) construídas e externalizadas no momento da entrevista”<sup>28</sup>.

São inúmeras as concepções de memória. Para Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”<sup>29</sup>.

Delgado<sup>30</sup> afirma que tempo e memória constituem-se em elementos de um único processo, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas. Para Bobbio essa possibilidade é tão significativa que, ao refletir sobre o ato de rememorar, constata:

---

<sup>28</sup> SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *MÉTIS: História & Cultura*, v. 6, n. 12, dez. 2007. P. 37.

<sup>29</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Dossiê*, Pelotas, RS, 24 maio 2011. p.12.

<sup>30</sup> Idem, p.01-24.

“O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade”<sup>31</sup>.

Apoiados em Delgado, que retoma Paul Thompson, podemos observar, que através da ativação, espontânea ou não, do ato de relembrar os homens podem:

- reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias;
- reconstruir a atmosfera de outros tempos, lembrando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana;
- reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais;
- lembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História;
- representar e reativar correntes de pensamento;
- reviver embates políticos e ideológicos;
- reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

Portanto, tal como apreender a amplitude do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam<sup>32</sup>.

Segundo Alessandro Portelli (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não retém. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do

<sup>31</sup> BOBBIO, Noberto. *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 04.

<sup>32</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Dossiê**, Pelotas, RS, p.01-24, 24 maio 2011.



passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época<sup>33</sup>.

Por meio das fontes orais temos acesso a uma multiplicidade de sentimentos, significados e relações expressados pelo entrevistado, os quais não podemos encontrar nas fontes escritas. Os principais sentimentos evocados durante as entrevistas ou durante os encontros do “Encontro Café e Memória”, eram de alegria, felicidade, entusiasmo, esperança e euforia, tudo isto, misturado ao sentimento de pertencimento à história dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU.



“Encontro Café e Memória” (2016).

---

<sup>33</sup> MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como Fonte: Problemas e Métodos. **Historiae**, Rio Grande, Rs, p.95-108, 2011.



**Materiais (revistas e livros comemorativos, documentos administrativos da FAMED-UFU etc) doados por vários médicos que ajudaram a reconstituir a história dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU (2016).**



**Materiais (boné e bandeira da primeira turma do curso de Medicina da FAMED-UFU, revistas e livros comemorativos, documentos administrativos da FAMED-UFU etc) doados por vários médicos que ajudaram a reconstituir a história dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU (2016).**



**“Encontro Café e Memória” (2016).**



**“Encontro Café e Memória” (2016).**

Na pesquisa histórica, as fontes não devem ser comparadas como superiores ou inferiores, independente de sua tipologia, elas se completam

mutuamente, contendo particularidades e funções específicas, sendo diferenciadas pela escolha de instrumentos interpretativos<sup>34</sup>.

Nas entrevistas realizadas, foram “evocadas” lembranças dos médicos quando eles eram alunos ainda, das relações entre os alunos e os professores, cotidiano dos alunos, momentos de alegria e momentos de tristeza também e as “lutas” dos alunos, funcionários e professores para manter o curso de medicina funcionando no início da sua criação, visto que o curso era pago e muitos alunos não tinham condições de pagar as mensalidades, então faziam rifas, bailes etc e os valores arrecadados eram para ajudar no pagamento.

---

<sup>34</sup> LOPES, Vânia Vieira. Fontes Orais e a Construção da Memória: O caso do município de Caarapó/MS. In: VII ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL: "HISTÓRIA ORAL E A INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA", Dourados - MS.

## **2. LIVRO COMEMORATIVO DOS 50 ANOS DO CURSO DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

O Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia surgiu como Escola de Medicina isolada criada em 1968, durante o grande período expansionista do Ensino Médico Brasileiro quando foram criadas 37 escolas num período de 7 anos. A idéia inicial de criar uma faculdade de medicina em Uberlândia surgiu no Hospital Santo Clara no ano de 1966, em conversas de médicos, como Dr. José Bonifácio Ribeiro, Dr. José Olímpio de Freitas Azevedo e Dr. Ismael Ferreira de Rezende. Eles a divulgaram aos vários colegas médicos da cidade e aos 9 dias do mês de junho de 1966 reuniram-se na Sociedade Médica de Uberlândia sob a presidência do Dr. Simão Carvalho Luz para dar início aos estudos para a implantação da Faculdade de Medicina.

Foi eleita uma Comissão coordenadora dos estudos de criação da Faculdade de Medicina de Uberlândia. Ocorreu um grande envolvimento e apoio da Sociedade local no sentido de ajudar a criação da Faculdade e inúmeras pessoas passaram a colaborar e também a fazer doações para a construção de escola. O terreno para a construção da Faculdade onde se situa hoje o Campus Umuarama foi doado pelo Sr. Rui Santos e a planta foi realizada e também doada pelo arquiteto Sr. Ivan Cupertino Rodrigues. O Hospital Infantil foi doado pela Loja Maçônica Luz e Caridade e o Ambulatório pelo Sr. Amélio Marques.

O nome escolhido foi Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (EMECIU) e foi fundada oficialmente em 21 de julho de 1966, ficando constituída em Assembleia Geral, a “FUNDAÇÃO ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA DE UBERLÂNDIA” (FEMECIU), nos termos do Art. 14 e seus membros fundadores que são também os instituidores, como sócios integrantes da FEMECIU. O primeiro Diretor da EMECIU foi Dr. Domingos Pimentel de Uihôa, um de seus fundadores.

No dia 30 de dezembro de 1966 foram iniciadas as obras de construção da Escola, e no dia 8 de fevereiro de 1968 o Conselho Federal de Educação autorizou o seu funcionamento através do decreto nº 62261. No dia 19 de março de 1968 ela foi inaugurada pelo então Presidente da República Marechal Arthur da Costa e Silva. O primeiro vestibular ocorreu em abril de 1968 e a primeira turma formou em 1973 com 95 alunos.

O reconhecimento da Escola se deu pelo decreto nº 74.363 de 6 de agosto de 1974 e a partir deste, o Governo Federal passou a pagar os professores e os funcionários à exemplo do que fazia na Faculdade de Medicina de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Isto ocorreu devido à uma lei aprovada pelo Presidente Costa e Silva de quando a Escola, que era totalmente particular, fosse reconhecida, seus funcionários seriam pagos pelo MEC.

No ano de 1975 foi firmado um convênio com o INPS através do MEC-MPAS que passou a pagar pelos atendimentos realizados no Hospital de Clínicas. Isto permitiu uma grande expressão da Escola de Medicina. No ano de 1976 passou a integrar a Universidade de Uberlândia e em 1978 tornou-se Federal, com a federalização da Universidade. Neste ano de 1978 ela deixou de existir como Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, passando a ser Curso Médico do Centro de Ciências Biomédicas da Universidade Federal de Uberlândia, tendo permanecido assim até dezembro de 1999, quando entrou em vigor o novo Estatuto da Universidade.

A Faculdade de Medicina constitui uma Unidade Acadêmica no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia que tem por objetivo produzir, sistematizar e difundir o conhecimento científico e tecnológico na Área da Saúde para formação de profissionais éticos, autônomos, reflexivos e críticos, habilitados para a aplicação prática, ampliação e aperfeiçoamento dessa formação no ensino, pesquisa, extensão e assistência, visando a melhoria da qualidade de vida em seus múltiplos e diferentes aspectos humanos e sociais.

Atualmente a FAMED engloba os cursos de Enfermagem, Medicina e Nutrição<sup>35</sup>.

O objetivo deste capítulo não é contar a história do curso de Medicina da UFU. O objetivo é mostrar a estrutura do livro que foi feito, depois de muito trabalho de pesquisa e entrevistas realizadas.

Depois de realizados os “Encontros Café e Memória”, o livro foi organizado por uma comissão<sup>36</sup>, contando a história cronológica. Há muitas críticas feitas sobre essa história cronológica e os modelos narrativos aos quais ela se vincula.

Para a comissão, o objetivo do livro era mostrar para a sociedade, a “caminhada” da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, desde o seu “nascimento”, até os dias atuais, trazendo imagens que marcaram a história do curso, nomes de pessoas que de alguma maneira contribuíram para o crescimento desta instituição e depoimentos de vários médicos que foram os pioneiros na criação de departamentos e setores da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – EMECIU (hoje é Faculdade de Medicina – FAMED/UFU).

“A saga da criação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia deve ser reconhecida, os seus pioneiros e protagonistas laureados justamente. Este livro cumpre o papel informativo e documental, acessível a toda a sociedade local e regional, ressaltando os principais acontecimentos, os gestores, corpo docente, corpo discente, os colaboradores e servidores, além de imagens marcantes. A importância desta Instituição é aqui confirmada pela comissão responsável por sua organização face à fabulosa pesquisa realizada. Salve os 50 anos de fundação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia”.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Faculdade de Medicina – UFU – Histórico. Disponível em: <http://www.famed.ufu.br/unidades/unidade-academica/faculdade-de-medicina>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.

<sup>36</sup> A Comissão Organizadora do Livro, não teve uma “portaria” oficial registrada. Durante os “Encontros Café e Memória” foi perguntado aos participantes se eles gostariam de auxiliar na organização/montagem do livro. Alguns aceitaram outros não, por motivos diversos que não citarei para não os expor.

<sup>37</sup> Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – EMECIU – Registros Históricos – 1967-2017 – 50 anos. Coordenado por Ben Hur Braga Taliberti – Araguari: Minas Ed., 2017, 432 p.

A minha participação no livro foi como Acadêmico Colaborador do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (fui contratado como estagiário pela FAMED-UFU para pesquisar a história dos 50 anos do curso de Medicina). Fui em busca de “pistas” que pudessem ajudar a recuperar documentos e fotos que remetiam a história do curso.

Este livro, para mim, tem como objetivo, mostrar a pesquisa realizada por mim com o apoio da comissão organizadora do livro e ao mesmo tempo, faço uma “observação” ao curso de graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia: no currículo de 2006, que vigorou até 2018, curso de graduação em História (INHIS-UFU), não temos uma disciplina específica para auxiliar em pesquisas deste tipo, entrevistas, organização de arquivos etc<sup>38</sup>.

O livro comemorativo teve apoio da Universidade Federal de Uberlândia, representada pelo reitor: Prof. Dr. Valder Steffen Júnior e pelo vice-reitor: Prof. Dr. Orlando César Mantese. Teve apoio também da Faculdade de Medicina da UFU, representada pelo então diretor: Prof. Dr. Ben Hur Braga Taliberti (idealizador e coordenador geral da Comissão Organizadora do Livro), além do apoio do Arquivo Público Municipal e do CDHIS/UFU. Todos estes apoios foram em questão financeira (transporte para fazer as entrevistas, liberação de informações institucionais, liberação de arquivos variados etc.).

---

<sup>38</sup> Um professor aceitou me auxiliar no começo das pesquisas, sobretudo indicando-me textos que segundo ele, iriam me ajudar na pesquisa. Entretanto, os textos indicados não tinham relação direta com a minha pesquisa, então eu resolvi procurar outro professor para me orientar, foi então que o Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (INHIS-UFU), aceitou me orientar tanto na pesquisa para as comemorações, quanto na minha monografia.





Capa do livro comemorativo<sup>39</sup>.

O livro foi dividido em três partes: PARTE I (Apresentação, Palavra do Reitor, Palavra dos Diretores, Comissão do Livro, Dedicatória e Datas Marcantes na História da Escola de Medicina), PARTE II (Relatos de Vivências Acadêmicas) e PARTE III (Colaboradores EMECIU e Cargos Administrativos do Curso de Medicina da UFU).

A *PARTE I* é aberta com a apresentação do Prof. Dr. Ben Hur Braga Taliberti, onde ele faz uma breve introdução, contando um pouco da sua própria história, de como e quando ele chegou à EMECIU, até se tornar diretor da FAMED-UFU. Depois, as “Palavras do Reitor” da Universidade Federal de Uberlândia, o Prof. Dr. Valder Steffen Júnior, ele relembra um pouco de quando começou a Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia e encerra parabenizando a todos que fizeram e fazem parte da história do curso de Medicina da FAMED-UFU. Na “Palavra dos Diretores”, os três que já foram diretores, ainda vivos (Dra. Valéria Bonetti, Dr. Aguinaldo Coelho da Silva e Dr.

<sup>39</sup> Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – EMECIU – Registros Históricos – 1967-2017 – 50 anos. Coordenado por Ben Hur Braga Taliberti – Araguari: Minas Ed., 2017, 432 p.

Ben Hur Braga Taliberti), falam do sonho inicial de se construir uma escola de medicina em Uberlândia e de maneira breve fala sobre os anseios futuros da instituição.

A Comissão Organizadora do Livro foi composta por: Dr. Ben Hur Braga Taliberti (Idealizador e Coordenador Geral da comissão), Leda Márcia Viana Santos Borges, Dr. Aguinaldo Coelho da Silva, Dra. Vânia Olivetti Steffen Abdallah, Dra. Maria Célia Santos, Dra. Valéria Bonetti, Dr. Augusto Diogo Filho, Dr. José Alfredo Borges da Cunha, Dr. Melicégenes Ribeiro Ambrósio, Ana Maria de Freitas Melo, Marilúcia Vieira Garcia, Dra. Dáurea Abadia de Souza e Caique Washington Alves de Oliveira (Acadêmico Colaborador do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia).

O livro comemorativo foi dedicado ao Professor José Olympio de Freitas Azevedo (idealizador, fundador e propulsor desta Instituição de Ensino) e ao Professor Gladstone Rodrigues da Cunha Filho (foi professor da primeira turma do curso de Medicina da EMECIU em 1968 e atualmente é secretário de saúde da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

E encerrando a *PARTE I*, foram destacadas algumas datas marcantes na história da Escola de Medicina, dentre elas: A ideia de criação da EMECIU em 1940, a criação da EMECIU – o início dos trabalhos em maio de 1966, constituição da Comissão Coordenadora da Criação da EMECIU em 09 de junho de 1966, constituição e posse da 1ª diretoria da FEMECIU em 21 de julho de 1966, inauguração da EMECIU em 19 de março de 1968, criação da Universidade de Uberlândia – UNU em 14 de agosto de 1969, colação de grau da 1ª turma da EMECIU em 18 de dezembro de 1973, criação do Centro de Ciências Biomédicas – CEBIM em 02 de janeiro de 1978, criação das unidades acadêmicas – Unidade FAMED em 01 de janeiro de 2000, implantação do novo Projeto Político Pedagógico do Curso de Medicina em 2013, acreditação do curso de Medicina pelo SAEME – CFM / ABEM em 2016 e comemoração dos 50 anos da Escola de Medicina.



Obras do Campus Umuarama (1966) <sup>40</sup>.



Obras do Campus Umuarama (1966) <sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Acervo do CDHIS-UFU.

<sup>41</sup> Idem.



Entrevista dos diretores da Fundação Escola e Medicina e Cirurgia de Uberlândia a TV Triângulo em 1967 <sup>42</sup>.



Lançamento da Pedra Fundamental da Escola de Medicina 1966 <sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Acervo do CDHIS-UFU.

<sup>43</sup> Idem.



Vista externa do anfiteatro Josias de Freitas 1971 <sup>44</sup>.



Vista aérea do Campus Umuarama (1970) <sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Acervo do CDHIS-UFU.

<sup>45</sup> Idem.



Faixa alusiva à Criação da Escola de Medicina em Uberlândia – Desfile de 07 de Setembro de 1966<sup>46</sup>.

As comemorações dos 50 anos do curso de Medicina da UFU aconteceram nos dias 21 e 22 de abril de 2017. Cerca de 1500 pessoas, entre médicos, ex-alunos, ex-professores, autoridades e familiares, compareceram ao Palácio de Cristal, onde foram homenageados os edificadores do curso de Medicina. À noite, 650 pessoas foram recebidas na nova estrutura do Palácio de Cristal para um baile de Gala. No dia 22 de abril, às 10h da manhã, aconteceu o evento “Vivendo e Revivendo o Campus de Umuarama”, onde foram descerrados bustos e placas com presença de vários Food Trucks e Dj. À tarde os ex-alunos se reuniram no Campus Educação Física para as tradicionais atividades esportivas.

---

<sup>46</sup> Acervo do CDHIS-UFU.



Comemoração dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU – 21 e 22 de Abril de 2017 <sup>47</sup>.



Comemoração dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU – 21 e 22 de Abril de 2017 <sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> Meu acervo pessoal de fotos.

<sup>48</sup> Idem.



Comemoração dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU – 21 e 22 de Abril de 2017 <sup>49</sup>.



Comemoração dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU – 21 e 22 de Abril de 2017 <sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> Meu acervo pessoal de fotos.

<sup>50</sup> Idem.





Comemoração dos 50 anos do curso de Medicina da FAMED-UFU – 21 e 22 de Abril de 2017 <sup>51</sup>.

A *PARTE II* é composta por relatos de vivências acadêmicas, onde os médicos e outros funcionários que ajudaram fundar algum setor ou departamento deram entrevista falando sobre sua trajetória na Escola de Medicina. Dentre os entrevistados, estão: Dr. Newton Marques, Prof. Dr. Evandro Guimarães de Souza, Profa. Dra. Cláudia Lúcia Carneiro, Prof. Dr. Delcídes F. de Oliveira, Prof. Dr. José Renan E. Hurtado, Dr. João Batista Rosa, Prof. Dr. João Kazan Tannus, Prof. Dr. Edahir Gonçalves, Prof. Dr. Dagoberto de Oliveira Campos, Prof. Dr. Milton Viana Diniz Filho, Prof. Dr. Antônio Geraldo Diniz Roquete, Prof. Dr. Arnaldo Moreira da Silva, Prof. Dr. Neilton Gonçalves do Prado, Prof. Dr. Olair Alves de Queiroz, Prof. Dr. Luiz Renato Santos, Prof. Dr. Celso de Freitas Pedrosa, Prof. Dr. Melicégenes Ribeiro Ambrósio, Profa. Dra. Vânia O. Steffen Abdallah, Profa. Dra. Miriam de Lourdes Andraus, Prof. Dr. Roberto S. de Tavares Canto, Prof. Dr. Nilson de Abreu, Prof. Dr. Orlando César Mantese, Prof. Dr. Roberto Cardoso Lemos, Prof. Dr. Omar Pacheco Simão, Prof. Dr. José Antônio Patrocínio, Prof. Dr.

---

<sup>51</sup> Meu acervo pessoal de fotos.

Augusto Diogo Filho, Prof. Dr. Ben Hur Braga Taliberti, Profa. Dra. Valéria Bonetti, Prof. Dr. Aguinaldo Coelho da Silva, Prof. Dr. Nilton Pereira Júnior, Prof. Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha Filho, Ana Maria de Freitas Melo, Wellington Silva, Leda Maria Viana Borges e João Luiz Neto (*In-Memorian*).

A *PARTE III* é composta por nomes: dos colaboradores da EMECIU, idealizadores (1966), membros fundadores da EMECIU (1966), membros fundadores da FEMECIU em 1966, membros instituidores (1966), corpo docente itinerante (1969-1970), corpo docente local (1969-1971), corpo docente externo (1971-1973), corpo docente contratado (1974-1980), corpo docente concursado (1981-2016), corpo docente do básico (1970-2016), técnicos administrativos – EMECIU – H.C. – FAMED (1967-2017), docentes aposentados (2016), docentes falecidos em atividade (2016), docentes desligados (2016), cargos administrativos do curso de Medicina da UFU, reitores da UFU (1969-2017), diretores da EMECIU (1967-1978), diretores do CEBIM (1978-2000), diretores da FAMED (2000-2017), coordenadores do curso de Medicina (1978-2016), coordenadores da Comissão do Internato (1980-2016), coordenadores da Comissão de Residência Médica (1980-2016), coordenadores do Programa de Pós Graduação (1995-2016), coordenadores dos departamentos acadêmicos (1973-2016), diretores do Hospital de Clínicas (1970-2016), diretores da FEMECIU/FAEPU (1966-2016), docentes do Departamento de Ciências Biológicas (1978), docentes do Departamento de Medicina Integrada (1978), docentes do Departamento Materno Infantil (1978), docentes e preceptores dos Programas de Residência Médica (2016), primeiros residentes concluintes EMECIU/HC (1973-1979), residentes concluintes da Residência Médica UFU/HC/CNRM (1980-2016), formandos do curso de Medicina (turmas 01 a 77 – 1973-2016), alunos da Graduação do Curso de Medicina (1º a 11º períodos – 2011-2016) e alunos voluntários no evento dos 50 anos do Curso de Medicina.

### 3. HISTORIADOR E OS LUGARES DE MEMÓRIA

Atualmente, há um projeto de lei no Congresso Nacional, arquivado em 2014 por não haver mais nenhuma tramitação, que regulamenta a profissão de historiador e dá outras providências. Este projeto de lei foi apresentado em 2012, cujo objetivo é regulamentar e estabelecer os requisitos para o exercício da atividade profissional e determinar o registro em órgão competente.

O projeto inicial afirma que o exercício da profissão de historiador, em todo o território nacional, é privativo dos portadores de: diploma de curso superior em História, expedido por instituição regular de ensino; diploma de curso superior em História, expedido por instituição estrangeira e revalidado no Brasil, de acordo com a legislação; diploma de mestrado ou doutorado em História, expedido por instituição regular de ensino superior, ou por instituição estrangeira e revalidado no Brasil, de acordo com a legislação. O projeto apresenta também quais são as atribuições dos historiadores: magistério da disciplina de História nos estabelecimentos de ensino fundamental, médio e superior; organização de informações para publicações, exposições e eventos sobre temas de História; planejamento, organização, implantação e direção de serviços de pesquisa histórica; assessoramento, organização, implantação e direção de serviços de documentação e informação histórica; assessoramento voltado à avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação; elaboração de pareceres, relatórios, planos, projetos, laudos e trabalhos sobre temas históricos. O projeto informa ainda que para o provimento e exercício de cargos, funções ou empregos de historiador, é obrigatória a apresentação de diploma nos termos do art. 3º desta Lei; as entidades que prestam serviços em História manterão, em seu quadro de pessoal ou em regime de contrato para prestação de serviços, historiadores legalmente habilitados; o exercício da profissão de historiador requer prévio registro na Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do local onde o profissional irá atuar<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2012). Projeto de Lei. nº 4.699/2012, de setembro de 2012. **Projeto de Lei Nº 4.699/2012.**: Projeto de Lei que Regulamenta a Profissão de Historiador e dá Outras Providências. Brasília, DF, 09 nov. 2012.

Este projeto de lei que foi apresentado pelo Senado Federal à Câmara dos Deputados, foi ao longo dos anos sendo alterado. Ele foi apresentado inicialmente em novembro de 2012 e só em março de 2014 é que teve um “avanço”, onde o relator do projeto, Deputado Policarpo fez algumas críticas com relação ao projeto de lei, onde ele faz alteração em alguns artigos do Projeto e o envia para continuar a tramitação, alegando que:

[...] o texto do Projeto não oferece um conceito de Historiador, mas restringe o exercício da atividade aos graduados em curso superior e aos portadores de diploma de mestrado ou doutorado em História e atribui-lhes, privativamente, o magistério da disciplina de História nos estabelecimentos de ensino fundamental, médio e superior; a organização de informações para publicações, exposições e eventos sobre temas de História; o planejamento, a organização, a implantação e a direção de serviços de pesquisa histórica; o assessoramento, a organização, a implantação e a direção de serviços de documentação e informação histórica e o assessoramento voltado à avaliação e à seleção de documentos, para fins de preservação, bem como a elaboração de pareceres, relatórios, planos, projetos, laudos e trabalhos sobre temas históricos<sup>53</sup>.

O debate sobre a regulamentação da profissão de historiador vem de muitos anos. Na Câmara dos Deputados, em 1983, foi registrado o Projeto de Lei nº 2.467, do Deputado José Carlos Fonseca, que dispunha sobre o exercício da profissão de historiador e determinava outras providências. A matéria foi arquivada antes de alcançar a deliberação final, embora tenha recebido Parecer favorável das Comissões por onde tramitou. Na Câmara dos Deputados, o tema continuou mobilizando um número expressivo de parlamentares, como por exemplo, os Projetos de Lei nº 1.883, de 1991, e nº 351, de 1995, do Deputado Arnaldo Faria de Sá; nº 4.753, de 1994, do Deputado Carlos Sant’Anna; nº 3.457, de 1.997, nº 2.047, de 1999, e nº 3.759, de 2004, do Deputado Wilson Santos; nº 2.260, de 1999, da Deputada Laura Carneiro; nº 3.492, de 2000, do Deputado Ricardo Berzoini, e nº 7.321, de 2006, do Deputado Jovair Arantes<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Idem, p. 12.

<sup>54</sup> BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2012). Projeto de Lei. nº 4.699/2012, de setembro de 2012. **Projeto de Lei Nº 4.699/2012.**: Projeto de Lei que Regulamenta a Profissão de Historiador e dá Outras Providências.. Brasília, DF, 09 nov. 2012.

Entretanto, assim como o próprio relator do projeto, o Deputado Policarpo, em 2014, afirmou que mesmo depois de inúmeras discussões, a matéria foi arquivada antes de alcançar a deliberação final, embora tenha recebido Parecer favorável das Comissões por onde tramitou, o mesmo aconteceu em 28 de maio de 2014, onde o Projeto de Lei foi arquivado mais uma vez, por não haver nenhuma tramitação.

O papel do historiador não tem sido contar a verdade sobre um fato, mas conhecer diferentes verdades e entender como essas foram construídas pelo sujeito histórico<sup>55</sup>.

Quando houve a oportunidade de estágio para o projeto de busca pela memória da História do Curso de Medicina da FAMED-UFU, foi possível vivenciar na prática a profissão de Historiador: organizar as informações obtidas por meio das entrevistas coletivas e por meio das conversas nos corredores da FAMED-UFU, que foram feitas com os ex e atuais alunos, professores, médicos e funcionários para publicações (Livro comemorativo dos 50 Anos do Curso de Medicina e de um site<sup>56</sup> que eu mesmo fiz para divulgar o projeto e as comemorações), foi montada uma exposição de fotos, objetos e documentos no lugar que seria o Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina, lugar este que foi inaugurado no decorrer das comemorações, e também o auxílio no planejamento e montagem do evento (comemoração do Jubileu de Ouro do Curso de Medicina).

As pessoas tem um medo constante de que as memórias se percam com o passar do tempo, e para isso criam e apoiam-se em “Lugares de Memória”, no intuito de guardar e salvar as memórias e lembranças e permitir o acesso a elas sempre que se fizer necessário ou conveniente, para que não caiam no esquecimento.

---

<sup>55</sup> SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: História & Cultura**, v. 6, n. 12, p.35-44, dez. 2007.

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Caique Washington Alves de. **50 Anos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia**. 2017. Disponível em: <<https://famed50anos.wixsite.com/50anos>>. Acesso em: jun. 2019.

Pierre Nora no artigo “*Entre memória e história – A problemática dos lugares*”<sup>57</sup> (1993) trata da necessidade moderna de eleger lugares onde depositar memórias, impor a certos espaços ou objetos a tarefa de capturar a memória e deixá-la ali encerrada para a qualquer momento ser despertada pelo homem. Memória esta, que foi despertada em função das comemorações dos 50 anos do curso de medicina da UFU.

Nora destaca que a memória moderna “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita como a serpente sua pele morta<sup>58</sup>”. São esses lugares que detêm a memória e que mediam a relação do homem com seu passado, como se a memória não fosse recurso suficiente para promover uma conexão direta entre presente e passado. É necessário algum meio material onde alojar a memória, as lembranças, por isso “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”<sup>59</sup>. Em razão disso, Nora entende que os lugares de memória desvirtuam a memória e a tornam história, pois “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história”<sup>60</sup>.

Essa apreensão e materialização da memória, contudo, é um movimento artificial que distancia o homem de suas reais lembranças e de seu passado, impede o processo evolutivo da memória e o exercício de sua função essencial de gerenciadora do passado, pois:

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. Revista **Projeto História**, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>58</sup> Idem. p. 15.

<sup>59</sup> Idem. p. 12.

<sup>60</sup> Idem. p. 9.

<sup>61</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. Revista **Projeto História**, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 22, dez. 1993.

Para Le Goff (2003) a memória individual não possui capacidade para armazenar todos os acontecimentos passados, por isso a necessidade da escrita e das instituições de memória para a permanência de uma memória coletiva, visto que esta é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”<sup>62</sup>. Diante de um universo tão incerto que vivemos nos dias atuais, conhecer a história, através das memórias ajuda-nos a compreender a identidade de um grupo.

Para conhecer a identidade de um grupo social precisam-se buscar rastros e memórias que ajudem a narrar os fatos que envolvia aquele grupo, nunca saberemos a verdade realmente de como aconteceu, pois conforme já foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, conhecer o passado por completo é uma missão impossível, pois o que ocorre é uma reconstrução do passado, mas teremos um conhecimento com relação ao grupo que nos debruçamos a pesquisar<sup>63</sup>.

A comissão que ficou responsável por auxiliar no projeto, se reuniu na sala de reuniões da FAMED-UFU em 2016 (um ano antes das comemorações), para definir tudo que seria feito no Jubileu de Ouro do Curso de Medicina. Essa comissão foi dividida em duas: uma para as festividades e a outra para a confecção do livro comemorativo, que já era uma ideia deste o início do projeto.

Quando foi feita a reunião para alinhar o que seria feito nas comemorações, surgiu a ideia da criação de um Centro de Memória, pois haviam muitos documentos, fotos, vídeos e objetos.

Viviane Tessitore (2003) apresenta os centros de documentação como uma instituição, cujo acervo pode ser constituído por material bibliográfico (acervo reunido de forma artificial e, de acordo com Tessitore, vinculado a um

---

<sup>62</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 423.

<sup>63</sup> CABRAL, Anne Emílie Souza de Almeida. **História, Memória e Identidade: Aspectos Metodológicos de Pesquisa**. In: EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIALMENTE APLICÁVEIS. Universidade Tiradentes. 2019. p. 12.

órgão colecionador e não um órgão receptor como os arquivos públicos, sendo um órgão colecionador, as bibliotecas definem o teor de seu acervo), arquivístico (Os arquivos acumulam documentos de uma única fonte geradora, no caso dos arquivos públicos, os documentos possuem uma finalidade administrativa, jurídica ou social e a referência é feita por conjuntos de documentos. Os arquivos se constituem de fundos documentais que se referem ao produtor dos documentos no exercício de suas atividades, ou seja, são acumulados de forma orgânica o que difere das bibliotecas e museus que acumulam coleções de forma artificial em decorrência de suas finalidades) ou museológico (possuem “objetos tridimensionais, originados da atividade humana ou da natureza, reunidos, artificialmente, sob a forma de coleções, em torno de seu conteúdo ou função) <sup>64</sup>”.

A organização dos museus é pautada pela natureza e finalidade de seu material (acervo), possuindo finalidades educativas, científicas e culturais e fazendo referência a cada objeto de seu acervo.

Já os centros de documentação são órgãos colecionadores e fazem referência a uma área específica, ou seja, é uma característica desses locais a especialização em uma área de conhecimento e a partir disso a reunião de seu acervo e a definição de suas funções de pesquisa, bem como a composição de sua equipe técnica científica<sup>65</sup>.

No caso do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU, estudado neste trabalho, há uma predominância de acervos das três áreas citadas acima. Recebemos doações de materiais para o centro de documentação como: atas, recibos de pagamentos, documentos jurídicos, arquivos relacionados à parte administrativa do curso, objetos (camisetas feitas em cada década, canecas, convites de formaturas, livros de medicina, revistas comemorativas do curso, jornais feitos pelos alunos, materiais usados em aulas de laboratório) dentre outros.

---

<sup>64</sup> TESSITORE, Viviane. Como implantar centros de documentação. São Paulo: **Arquivo do Estado**, Imprensa Oficial, 2003, volume 9. (Projeto como fazer). p. 267.

<sup>65</sup> Idem. p. 279.



Conforme dito no primeiro capítulo deste trabalho, e agora ressalto novamente, que se não fossem iniciativas individuais de alguns professores, ex-alunos e funcionários que guardaram documentos e conservavam em sua lembrança pessoal vestígios da memória institucional, alguns aspectos e dimensões essenciais da história do Curso de Medicina da UFU estariam perdidos para sempre.

A gestão do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina seria de responsabilidade da FAMED-UFU e seria feita uma parceria com o Instituto de História – UFU e com o CDHIS-UFU (Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU).

Para concluir, neste projeto de “escrita da história da instituição” que num esforço de rememoração, envolveu um trabalho com narrativas de memória (evocação e registro), documental e produção de lugares de memória, como o *Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU*, havia este “medo do esquecimento”, e na tentativa de combater esse medo, são criados os Lugares de Memória e esse medo foi o que levou a Faculdade de Medicina da UFU a contratar um estagiário do curso de História para auxiliá-los na busca pela própria memória, para deixar registrado para que as memórias não se percam com o passar do tempo. Mas afinal, tais ações tiveram o condão de afugentar o esquecimento?

#### **4. ESQUECIMENTO**

A luta contra o esquecimento foi desencadeada pela própria contemporaneidade, por causa do avanço da tecnologia e dependência cada vez mais presente de se “reter” a memória em lugares que poderiam ser acessado a qualquer momento, sem distorções relativas ao esquecimento. O medo de esquecer está associado ao desenvolvimento da escritura, do registro, de confiar na máquina que registra a memória <sup>66</sup>. É a confiança na

---

<sup>66</sup> FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

máquina que registra e armazena dados, em detrimento da capacidade humana de re-memorar um evento.

A política de identidade, criada e disseminada por narrativas do passado, e o desenvolvimento da tecnologia da informação, como bancos de dados audiovisuais, que deu uma nova forma de validação à noção de testemunho, são fatores que levaram ao boom da memória e, a partir daí, para a criação de arquivos e processos de informatização.

Como não se consegue preservar quase nada devido ao tempo acelerado, surge, nesse contexto, a necessidade de digitalizar, de converter em arquivo digital, e assim, tudo pode ser guardado. Criam-se os bancos de dados tanto de acervo material, por meio da imagem, como bancos de dados de sujeitos e suas histórias. Converte-se em outra linguagem que passa a fazer sentido, excesso de memória transformada e informatizada<sup>67</sup>.

Hysen (1996)<sup>68</sup> afirma que os museus pós-modernos (aqui representado pelo Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina - UFU), ao invés de fazerem grandes exposições permanentes, estão se concentrando em grandes exposições temporárias. Esta troca é mais que justificada quando se trata do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU, pois ele foi criado com pouco recurso que o reitor da universidade liberou e mesmo assim foi liberado quase às vésperas da inauguração, além do pouco recurso, o espaço era inadequado, era uma sala pequena com mesas onde os objetos e documentos ficaram expostos, armários com chave para guardar materiais administrativos e um computador.

Toda a criação deste centro de documentação e memória foi feito quase que sem orientação de um professor do Instituto de História da UFU, pois na época da contratação do estagiário responsável pela documentação da FAMED-UFU, foram procurados vários professores que pudessem orientar, mas cada um que deles pedia para procurar outro professor porque aquela não

---

<sup>67</sup> PINTO, Suely Lima de Assis. Museu e Arquivo como Lugares de Memória. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Jataí - GO, v. 11, n. 3, fev. 2013. P. 92.

<sup>68</sup> HUYSEN, Andrea. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. In: *MEMÓRIAS do modernismo*. Tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

era sua "área de pesquisa" e que, portanto não teria como me orientar. Para que os trabalhos de pesquisa, organização do acervo do Centro de Documentação e Memória e do evento comemorativo do Jubileu de Ouro, não fossem interrompidos, buscamos ajuda no CDHIS-UFU e graças às orientações dos Técnicos-Administrativos Velso Carlos de Sousa e Aline Guerra, possibilitando dar continuidade ao projeto e logo depois fomos agraciados com a orientação do Prof. Dr. Gilberto César de Noronha, que auxiliou no projeto do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina e posteriormente na minha monografia.

Hyssen (1996) considera que na era do pós-moderno o processo de redefinição do museu vai além da dialética museu/modernidade – o museu não é mais guardião de tesouros e artefatos do passado, mas se aproxima do mundo do espetáculo, feiras, diversão de massa. Isto porque ele foi “sugado” pelo “distúrbio” da modernidade (sintoma), suas exposições são anunciadas como grandes espetáculos. E que, neste contexto, são de interesse capital até para a própria cidade. Isso desencadeia um interesse comercial no processo de musealização, que nem sempre é parte das intenções políticas e sociais da cidade, mas que vê na abertura de uma exposição, apenas a possibilidade de uma expansão turística a partir daquele evento.

A sala onde funcionaria o Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU era usada como laboratório de pesquisa médica, depois de algum tempo, por falta de projetos de incentivo ao laboratório o mesmo fechou e a sala ficou "abandonada". A FAMED então cedeu a sala para que funcionasse o centro de documentação, então solicitamos a reforma da sala e ali foi inaugurada em 2017 o Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Entretanto, em 2017 logo após o término da gestão do então diretor da FAMED-UFU (2017), Dr. Ben-Hur Braga Talibert, o novo diretor (não citarei o nome para não expô-lo), achava que todos aqueles papéis que recuperamos em nossas pesquisas, eram "coisas velhas" e sem valor e que devido ao tempo de uso, eles já poderiam ser descartados. Então, todos os documentos e

objetos que estavam na sala, foram encaixotados e colocados num canto da FAMED e a sala que era o Centro de Documentação, foi utilizada mais uma vez para laboratório de práticas médicas. Em busca do ego, os dois diretores, queriam fazer algo para "eternizar" a sua gestão, um comemorando um evento de aniversário da instituição e outro transformando "salas inúteis" em salas úteis:

“Esta ‘lógica’ aqui observada envolve não só o processo de construção de uma memória histórica, mas também seu arquivamento – a memória e a sua materialização por meio de vestígios e musealização, e ainda o processo de musealização envolto em interesses políticos, públicos e/ ou particulares, principalmente no que tange aos grandes eventos, gerando muitas vezes conflitos internos e externos em função dessa guarda e arquivamento”<sup>69</sup>.

E aconteceu justamente o que Hyssen afirmou. A inauguração do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina da UFU fez parte de um grande evento que “movimentou” a cidade. A cerimônia de abertura do Jubileu de Ouro do Curso de Medicina aconteceu na sexta-feira, dia 21 de abril de 2017, no Palácio de Cristal e logo mais a noite neste mesmo dia aconteceu o “Baile de Gala”, também no Palácio de Cristal. No sábado, 22 de abril de 2017, aconteceu o “Vivendo e Revivendo os 50 Anos do Curso”, onde teve o encontro das 77 turmas já formadas, apresentações artístico-culturais dos ex-alunos, descerramento de bustos, cerimônia de obliteração do selo (Correios) comemorativo dos 50 Anos do Curso de Medicina, inauguração do Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina, lançamento do livro comemorativo, atividades esportivas e o reencontro da atlética, medonha e o D.A.D.U., juntando os ex-alunos com os atuais, juntamente com ex-professores e atuais professores da FAMED-UFU.

---

<sup>69</sup> HUYSEN, Andrea. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. In: MEMÓRIAS do modernismo. Tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. P. 27.



**Cerimônia de Abertura das Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU (2017)<sup>70</sup>.**



**Cerimônia de Abertura das Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU (2017)<sup>71</sup>.**

---

<sup>70</sup> TRENTO, Danilo; ROSADA, Wander. **Comemoração dos 50 anos da Medicina UFU**. 2017. Revista Saúde.. Disponível em: <<https://rsaude.com.br/uberlandia/evento/comemoracao-dos-50-anos-da-medicina-ufu/1574>>. Acesso em: 04 jul. 2019.



Logo do evento (50 Anos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia).



Selo comemorativo dos 50 Anos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

---

<sup>71</sup> TRENTO, Danilo; ROSADA, Wander. **Comemoração dos 50 anos da Medicina UFU**. 2017. Revista Saúde.. Disponível em: <<https://rsaude.com.br/uberlandia/evento/comemoracao-dos-50-anos-da-medicina-ufu/1574>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Passado uma semana depois das comemorações, o contrato com o estagiário da FAMED-UFU chegou ao fim, pois já tinha dado o tempo máximo de permanência em contrato de estágio que é de dois anos.

O Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina se tornou um lugar cheio de caixas onde as pessoas não se preocuparam em desenvolver uma reflexão sobre o conteúdo arquivado. Ficou um lugar pleno de objetos e documentos e, ao mesmo tempo, vazio de significação. O movimento da memória e o impulso da evocação do passado vêm do presente. E a conjuntura tinha mudado. Os documentos não puderam ser catalogados, escaneados ou fotografados, pois não houve tempo suficiente para desenvolver tais atividades.

Silvana Goulart (2002) afirma que a documentação gerada pelas administrações públicas, em arquivos do mundo inteiro e, sobretudo no Brasil, passa por eliminações indiscriminadas, por desastres vários (inundações, incêndios, ação dos roedores, insetos, micro-organismos) ou pela clamorosa ausência de condições de conservação e climatização nos depósitos<sup>72</sup>.

“Vários documentos, objetos, jornais e revistas que remetiam ao curso de medicina da UFU, foram jogados no lixo nas gestões dos diretores anteriores (FAMED-UFU), por falta de espaço e por terem sido julgados pelos diretores como um monte de papéis velhos e sem valor”<sup>73</sup>.

E como já afirmado no primeiro capítulo, é muito comum que a iniciativa para a consecução do trabalho, parta de funcionários antigos, onde esta motivação acontece em momentos de sucessão de cargos. Essa situação pode provocar uma enorme má vontade da nova geração, que tende a identificar o cuidado com a memória como persistência da "velha ordem". O escopo inicial

---

<sup>72</sup> GOULART, Silvana. Patrimônio Documental e História Institucional. **Associação de Arquivistas de São Paulo**, São Paulo, SP, p.01-39, 2002.

<sup>73</sup> Entrevista dada por Ana Maria de Freitas Melo nas Comemorações dos 50 Anos do Curso de Medicina da UFU, quando indaga a respeito dos materiais e documentos que tinham na secretaria do Curso de Medicina da FAMED-UFU. Ana Maria de Freitas Melo, atualmente aposentada, foi uma das primeiras secretárias do Curso de Medicina.

de um trabalho de organização de acervo está geralmente vinculado a datas marcantes, aos fundadores e aos documentos iniciais <sup>74</sup>.

A nova direção da FAMED, eleita em agosto de 2017, tendo outra consciência histórica, não deu continuidade ao projeto de rememoração do passado e considerou que o ambiente aonde foi instalado o Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina teria mais aproveitamento se fosse um laboratório de práticas médicas e não uma sala para guardar objetos e documentos velhos. Então encaixotaram todos os documentos, arquivos e objetos que estavam no Centro de Documentação e Memória do Curso de Medicina e mandou para um canto na sala da secretaria da FAMED, fazendo justamente o contrário de tudo aquilo que passamos muito tempo tentando evitar: o esquecimento da trajetória histórica do curso.

## 5. CONCLUSÃO

O esquecimento, no caso das comemorações dos 50 anos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, foi um grande problema enfrentado, pois se criam lacunas difíceis de serem resgatas, porque a nossa memória não é igual à memória de um computador, por exemplo, no qual podemos deixar ela ali guardada e a qualquer momento podemos acessá-la, a nossa memória tem falhas e estas falhas impossibilita dar vida aos acontecimentos do passado.

As primeiras tentativas de combater o esquecimento se dão quando se tem algum evento comemorativo relacionado a alguma data específica. As pessoas têm a necessidade de "colocar" as suas memórias em lugares onde elas estariam a salvo da força do tempo, lugares esses chamados de Lugares de Memória.

---

<sup>74</sup> GOULART, Silvana. Patrimônio Documental e História Institucional. **Associação de Arquivistas de São Paulo**, São Paulo, SP, 2002. p. 28.



Para buscar as memórias de cada um e “eternizá-las”, a História Oral é um importante método, pois não só indica caminhos para encontrar pessoas, documentos e objetos, revela sentimentos e relações que não seriam possíveis de serem resgatados com os documentos e objetos palpáveis. Portanto, documentos, objetos e história oral não tem grau de importância maior do que o outro, eles se complementam.

Entretanto, de nada adianta ter um lugar cheio de registros de memória, arquivos e objetos, se esse lugar não receber a sua merecida atenção, é preciso de pessoas para continuar as pesquisas, lugar adequado, capacitação e envolvimento de toda a comunidade acadêmica, porque caso esses lugares não recebam a devida atenção, se tornam um lugar cheio de arquivos e objetos, porém, um lugar vazio de reflexão e voltam para o lugar de onde saiu: o esquecimento.

O historiador tem um papel fundamental em torno de todo este processo de rememoração, é ele que vai dar “vida” aos documentos, arquivos, objetos etc, trazendo possibilidades de variados temas de pesquisas diante das fontes encontradas.

Provavelmente, nos 100 anos do curso, outra odisséia de resgate de memórias se instituirá ao sabor do presente do futuro, e mais uma vez, os historiadores e arquivistas terão pouco a oferecer diante da falta de reflexão e de consciência histórica sobre a preservação dos arquivos.

## **REFERÊNCIAS**

### **Fonte**

Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia – EMECIU – Registros Históricos – 1967-2017 – 50 anos. Coordenado por Ben Hur Braga Taliberti – Araguari: Minas Ed., 2017, 432 p.

## **Bibliografia**

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOBBIO, Norberto. *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorai, 2003.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2012). Projeto de Lei. nº 4.699/2012, de setembro de 2012. Projeto de Lei Nº 4.699/2012.: Projeto de Lei que Regulamenta a Profissão de Historiador e dá Outras Providências. Brasília, DF, 09 nov. 2012.

CABRAL, Anne Emílie Souza de Almeida. História, Memória e Identidade: Aspectos Metodológicos de Pesquisa. In: *Educação e Ciências Humanas e Socialmente Aplicáveis*. Universidade Tiradentes. 2019.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Revista História Oral. Dossiê, Pelotas, RS, p.01-24, 24 maio 2011.

FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOULART, Silvana. *Patrimônio Documental e História Institucional*. Associação de Arquivistas de São Paulo, São Paulo, SP, p.01-39, 2002.

HUYSSSEN, Andrea. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. In: *Memórias do modernismo*. Tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

LOPES, Vânia Vieira. Fontes Oraís e a Construção da Memória: O caso do município de Caarapó/MS. In: VII Encontro Regional Sul de História Oral: "História Oral e a Integração Latino-Americana", Dourados - MS. 2017.

LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História (17), São Paulo: EDUC, 1981.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. *História Oral como Fonte: Problemas e Métodos*. *Historiae*, Rio Grande, Rs, p.95-108, 2011.

NABÃO, M. T. *Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica*. *Pós-História*, Assis/SP, v. 8, p. 121-143.

NORA, Pierre. *Entre memória e história – a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Houry. Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Caique Washington Alves de. 50 Anos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. 2017. Disponível em: <<https://famed50anos.wixsite.com/50anos>>. Acesso em: jun. 2019.

PINTO, Suely Lima de Assis. *Museu e Arquivo como Lugares de Memória*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Jataí - GO, v. 11, n. 3, p.89-101, fev. 2013.

PORTELLI, A.; "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética em História Oral"; in: *Projeto História*, nº. 15, PUC, São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVEIRA, Éder da Silva. *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. *MÉTIS: História & Cultura*, v. 6, n. 12, p.35-44, dez. 2007.

TESSITORE, Viviane. *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003, volume 9. (Projeto como fazer).

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.